

DIPLOMACIA

Crise entre Argentina e Espanha se agrava

Madri retira embaixadora de Buenos Aires e anuncia o caráter "definitivo" da decisão sem precedentes. Medida é uma resposta às ofensas do presidente Javier Milei contra a esposa do primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, no domingo

» RODRIGO CRAVEIRO

Resposta à decisão do governo da Espanha veio na forma de nova ofensa. "É um disparate próprio de um socialista arrogante. (...) Ele fez uma escalada diplomática absolutamente sem sentido", afirmou o presidente da Argentina, Javier Milei, depois que o primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, retirou de Buenos Aires a embaixadora María Jesús Alonso Jiménez, "em caráter definitivo". No domingo, ao visitar Madri, onde participou de reunião de líderes da extrema direita organizada pelo partido espanhol Vox, Milei chamou a esposa de Sánchez, Begoña Gómez, de "mulher corrupta". Também qualificou o socialismo como "satânico" e "cancerígeno" — o premiê espanhol é líder do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE).

Além de chamar o dirigente espanhol de "arrogante", o ultralibertário argentino o acusou de sofrer de "complexo de inferioridade" e de ter "totalitarismo no sangue". Milei também anunciou que voltará à Espanha em 21 de junho, onde receberá o Prêmio Juan de Mariana, voltado a personalidades que defendem ideias de liberdade. "Veremos se seu grande complexo de inferioridade lhe permite que os liberais espanhóis me premiem pessoalmente", provocou, na rede social X. Em quase seis meses à frente da Casa Rosada, Milei enfrenta a pior de uma série de crises diplomáticas.

"Não existem precedentes para um chefe de Estado ir à capital de outro país para insultar suas instituições e fazer interferência

flagrante nos assuntos internos", declarou o ministro de Assuntos Exteriores espanhol, José Manuel Albares. O chefe da diplomacia de Madri havia chamado a embaixadora Jiménez para consultas e exigido um pedido de desculpas formal de Milei. A ministra das Relações Exteriores da Argentina, Diana Mondino, tentou colocar panos quentes e se referiu à crise como uma "anedota", ao reforçar que "não deveria ser algo que afete" o vínculo bilateral.

Construção do poder

Mara Pegoraro, cientista política da Universidad de Buenos Aires (UBA), admitiu ao **Correio** que as palavras de Milei sobre Begoña Gómez foram "infelizes" e desataram uma crise. "Essa situação deve ser avaliada sob o contexto no qual o presidente Javier Milei pensa a política. Nessa construção, o governo da Argentina tem criado advertências, pois isso lhe permite sustentar altos níveis de agitação. Esse cenário o fortalece para a construção do poder", explicou.

"A decisão de Sánchez de retirar a embaixadora não é o mesmo que fechar a embaixada, mas não deixa de ser uma mensagem de advertência a Buenos Aires." A estudiosa lembra que as relações entre Argentina e Espanha são muito anteriores ao governo de Milei. "Eu interpreto esse incidente como um elemento a mais na construção de uma política adversária de Milei para se fortalecer internamente", acrescentou ela.

Oscar Del Pozo/AFP



É um disparate próprio de um socialista arrogante. (...) Ele fez uma escalada diplomática absolutamente sem sentido"

Javier Milei, presidente da Argentina

Colega de Pegoraro, o professor Miguel De Luca minimizou a crise. "É um conflito internacional sem consequências econômicas ou comerciais. Vejo isso mais como um duelo ideológico, não de interesses econômicos", comentou, por meio do WhatsApp. Para Carlos Fara, especialista em opinião pública e em comunicação de governo, em Buenos Aires, a crise foi "longe demais". "Em âmbito diplomático, o que se faz é

chamar o embaixador para consultas. Isso representa uma grave advertência. Muitos países mantêm relações a nível de encarregado de negócios durante vários anos, em consequência de uma crise", disse à reportagem. "Retirar a embaixadora é quase como fechar a embaixada."

Fara comentou que Milei ameaçou não manter o embaixador da Argentina em Madri, o que tensiona ainda mais a

situação. Ele acredita que, durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, Argentina e Brasil não terão relações fluidas. Também destacou que Milei não tratará o Mercosul como prioridade. "Milei tem personalizado várias disputas, como com Gustavo Petro (Colômbia), o Chile, a Venezuela, a Nicarágua e o México. Nesse sentido, ele não presta um favor às relações regionais, pois colocou a ideologia acima de tudo."

Eu acho...

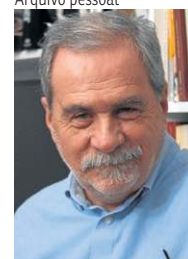
Fotos: Arquivo pessoal



"Apesar de um incidente infeliz, o presidente Milei nos tem acostumado a esse tipo de atitude. São demonstrações de sua loucura e é parte da forma como construiu sua legitimidade eleitoral. Creio que o Brasil e outros sócios de países da União Europeia adotarão a prudência e tentarão desescalar essa situação de tensão. A crise é mais de retórica do que de conteúdo ou de forma."

Mara Pegoraro, cientista política da Universidad de Buenos Aires (UBA)

Arquivo pessoal



"A Espanha é um país mais importante do que a Argentina no cenário internacional. Não apenas faz parte do G-20, como é país-membro da União Europeia. Precisamos prestar atenção se Madri reclamará uma posição do bloco. Ninguém interpreta que as opiniões de um presidente têm somente caráter pessoal e não afetam as relações entre países."

Carlos Fara, especialista em opinião pública em comunicação de governo, em Buenos Aires

» Entrevista | SHIRIN EBADI | EX-JUÍZA IRANIANA E NOBEL DA PAZ

"O legado de Raisi foram as sentenças de morte"

Aos 76 anos, a advogada e ex-juíza Shirin Ebadi é uma das duas únicas iranianas a ganharem o Prêmio Nobel da Paz. A outra, a ativista Narges Mohammadi, 52, está detida na famigerada prisão de Evin, desde 2015. Em 2003, o Comitê Nobel Norueguês reconheceu Ebadi "por seus trabalhos pela democracia e os direitos humanos". Segundo o Comitê, ela "focou-se especialmente na batalha pelos direitos das mulheres e das crianças". Depois da Revolução Iraniana, em 1979, abriu um escritório, em Teerã, para defender cidadãos perseguidos pelas autoridades. Em 2009, exilou-se em Londres. Em entrevista exclusiva ao **Correio**, Ebadi assegurou que o presidente Ebrahim Raisi, morto na queda de um helicóptero, no último domingo era "odiado" pela população e responsável por milhares de execuções de prisioneiros políticos. Mesmo distante de seu país, faz questão de preservar as raízes: aceitou a entrevista, por e-mail, desde que fosse feita em persa.

Arquivo pessoal



do Irã celebrou e se alegrou em todas as cidades. Isso porque Raisi foi parte de um comitê que sentenciou mais de 4 mil prisioneiros políticos à morte. Ele era odiado pela população.

Qual o efeito da morte dele para o país e o regime iraniano?

No Irã, toda a autoridade repousa sobre o líder da República Islâmica,

o aiatolá Ali Khamenei. O presidente apenas segue suas ordens. Portanto, a sua morte não tem qualquer efeito no Irã e na política.

De que forma a senhora avalia o legado dele?

O legado dele foram as sentenças de morte que ele emitiu no ano 1367 (ano persa), no começo da Revolução Islâmica (em

1979), e também suas ações contra o Movimento Mehdi, criado em prol da liberdade das mulheres. Mais de 20 mil pessoas foram aprisionadas; nove, executadas, por participarem dos protestos. Cerca de 100 acabaram sentenciadas à morte e aguardam a aplicação da pena. Todos esses decretos foram assinados durante a presidência de Raisi.

Ele era um nome forte para suceder o aiatolá Ali Khamenei?

Não acho que ele era um candidato forte. Por ser muito ignorante e por ter cometido vários erros, Raisi era ridicularizado e, ao mesmo tempo, odiado, por causa dos assassinatos durante o começo da Revolução Islâmica. Mas eu não acredito que ele tivesse alguma chance.

A senhora vê o risco de um aumento nos protestos ou de um levante no Irã após a morte de Raisi?

É possível que haja protestos. O Irã é com um barril de pólvora em que basta o fósforo certo para acendê-lo. A qualquer momento podemos testemunhar protestos massivos, como aqueles ocorridos em 2021, o movimento encabeçado por mulheres. (RC)

Ata Dadashi/MOJ News Agency/AFP



Milhares começam a se despedir do ex-presidente

Dezenas de milhares de iranianos prestaram homenagem ao falecido presidente Ebrahim Raisi, cuja morte em um acidente aéreo abriu um período de incerteza política que culminará em eleições em junho para seu sucessor. O funeral começou pela manhã em Tabriz, uma grande cidade no noroeste do Irã, perto de onde Raisi morreu, no domingo, na queda de um helicóptero, com outras sete pessoas. Os oito caixões, cobertos com a bandeira iraniana, foram posteriormente transferidos para um aeroporto na capital, Teerã, para serem levados à cidade sagrada de Qoms, onde outra cerimônia está programada para a tarde. Raisi será homenageado na capital, hoje, e amanhã, em sua cidade natal, Mashhad, no nordeste do país, onde será enterrado à noite. Uma grande multidão, vestida principalmente de preto, encheu a praça principal de Tabriz, agitando bandeiras e retratos do presidente. O líder supremo, aiatolá Ali Khamenei — a mais alta autoridade do país — disse que o incidente não causaria "nenhum transtorno" à administração do país. Ele nomeou o vice-presidente, Mohammad Mokhber, como presidente interino até a realização de novas eleições em 28 de junho.